

ÁLVARO DE CAMPOS: POESIA DE PROTESTO E INCONFORMISMO EM FERNANDO PESSOA

ÁLVARO DE CAMPOS: POETRY OF PROTEST AND NONCONFORMITY IN FERNANDO PESSOA

Miréia Aparecida Alves do Vale¹
Sheila de Oliveira Lima²

RESUMO:

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar a linguagem utilizada por um dos famosos heterônimos de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos. Sendo assim, aqui foram trazidas as origens do Modernismo em Portugal, bem como o estilo único do poeta português, além da criação de seus heterônimos e o estilo de cada um. Em se tratando de Álvaro de Campos, há a abordagem do ponto de vista da crítica que o mesmo faz diante da sociedade em que vive e com a qual não concorda e não se encaixa, além de traços marcantes existentes na sonoridade dos poemas escolhidos: *Poema em linha reta*, *Lisbon revisited (1923)* e *Bem sei que tudo é natural*, exemplificando esse discurso inflamado e cheio de inconformismo com a superficialidade do mundo, afastando tudo aquilo que não está de acordo com as aparências, não admitindo erro, portando-se, todos, como semi deuses; também a estranheza do poeta ao reencontrar seu lugar de origem, mas não mais o reconhecer e, por fim, com a corrupção que existe no ser humano, já que o dinheiro tudo pode comprar.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro de Campos, crítica, inconformismo, sociedade, discurso.

ABSTRACT:

The present study was designed with the objective of analyzing the language used by one of the famous heteronyms of Fernando Pessoa, Alvaro de Campos. So here were brought the origins of Modernism in Portugal, as well as the unique style of Portuguese poet, and the creation of his heteronyms and style of each. In the case of Álvaro de Campos, there is the approach from the point of view of the critique that it makes to society in which he lives and which does not agree and does not fit as well as distinguishing features in existing sonority of selected poems: *Poema em linha reta*, *Lisbon revisited (1923)* and *Bem sei que tudo é natural*, exemplifying this inflamed and full of dissatisfaction with the superficiality of the world speech away everything that is not according to appearances, not admitting error, carrying up, all as demigods, also the strangeness of the poet to rediscover their place of origin but no longer recognize and finally, with the corruption that exists in humans, since money can buy everything.

KEYWORDS: Álvaro de Campos, criticism, nonconformity, society, discourse.

95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar o estilo presente na poesia de Álvaro de Campos, um dos mais famosos heterônimos de Fernando Pessoa. Para tanto foram trazidos o contexto histórico e como o surgimento do Modernismo em Portugal aconteceu, além de um breve resumo da biografia do mais importante poeta português da época e as características presentes em cada uma das pessoas por ele inventadas. Para tanto trouxemos o conceito de heterônimo que se difere de pseudônimo.

Abordamos, também, com mais detalhes Álvaro de Campos e sua poesia, um discurso inflamado, cheio de crítica e protesto diante da sociedade em que vivia, não sentindo-se parte dela, não se encaixando nos moldes pré estabelecidos fingindo perfeição, como fica claro no primeiro poema analisado *Poema em linha reta*. Temos também a estranheza do poeta ao voltar à sua cidade de origem em *Lisbon revisited (1923)*, mas sem reconhece-la, e mais uma vez protestando contra essa sociedade, esbravejando contra aqueles que o querem segurar pelo braço, ditando-lhe regras que devem ser seguidas independente de seus desejos e sonhos.

E, finalmente, percebemos um poeta mais contido, trazendo consigo o mesmo inconformismo, porém pasmo diante da situação exposta em *Bem sei que tudo é natural*,

¹ Autora do trabalho (Mestranda em Letras: Estudos Literários – UEL) mireiavale@hotmail.com

² Professora orientadora (Doutora em Linguagem e Educação – USP) sheilaol@uol.com.br

onde o ser humano se torna mais uma mercadoria que pode ser paga por uma boa quantia em dinheiro; onde a morte, o crime, tudo pode ser justificado quando se trata do poder exercido pelo dinheiro e da corrupção que existe nas pessoas por esse dinheiro, que não importa a forma como venha, desde que venha e seja o suficiente para adquirir bens materiais.

Ao final do trabalho nos propomos a responder basicamente duas perguntas de pesquisa: “Como Fernando Pessoa se utiliza do heterônimo Álvaro de Campos para protestar contra a sociedade portuguesa?” E “como essa poesia se apresenta de maneira inflamada, raivosa e inconformada?”

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aqui pretendemos apresentar basicamente as origens do Modernismo em Portugal e seu contexto histórico, bem como trazer a importância do escritor Fernando Pessoa nesse momento da literatura e suas muitas faces, demonstradas através da criação de seus heterônimos. Além disso, pretendemos abordar brevemente o conceito de heterônimo e nos aprofundarmos em deles, já que iremos tratar a questão da linguagem usada por um deles, Álvaro de Campos e como este, por sua vez, traz consigo toda a representação da sociedade portuguesa do início do século XX.

MODERNISMO EM PORTUGAL E A IMPORTÂNCIA DE FERNANDO PESSOA

O início do século XX na Europa se deu como uma continuação das transformações culturais e estéticas que haviam começado a aparecer ainda no século anterior. Portugal diante desse momento buscou se adaptar a tais transformações de modo que seu progresso cultural fosse beneficiado, no entanto existiu grande insatisfação da população em relação ao regime monárquico que estava instaurado, causando tamanha tensão, que em 1908, o Rei D. Carlos foi assassinado por um cidadão.

A partir desse assassinato, onde faleceu também o príncipe herdeiro D. Luís Felipe, fazendo com que o trono fosse assumido por D. Manuel II, que embora fosse ainda muito jovem, conseguiu manter-se no cargo até 04 de outubro de 1910, quando se instalou a República em Portugal. Diante desse novo momento no país, formaram-se dois grupos opostos, um que estava satisfeito e conformado com a República e outro, que insatisfeito, assumiu caráter revolucionário.

Porém, o grupo que acabou tendo maior relevância, foi aquele a que pertenciam os conformados, fazendo com que em 1910 fosse criada a revista *Águia*, com publicações mensais sobre literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social e que em seguida se tornaria órgão da *Renascença Portuguesa* e que seria tida por esse grupo dos conformados como expressão diante da cultura portuguesa, tendo como principais nomes: Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Leonardo Coimbra e que deixou de existir em 1930. Durante o período em que foi publicada a *Águia* despertou interesses de jovens como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, que chegaram a colaborar com suas publicações entre 1912 e 1915.

Em 1915 ainda sobre a influência do Saudosismo trazido por Pascoaes, surgiu a revista *Orpheu*, que embora tenha tido apenas duas publicações, já que seu terceiro volume não foi lançado por consequência do suicídio de Sá-Carneiro, conseguiu atingir seu objetivo de introduzir o Modernismo em Portugal.

O Modernismo trouxe consigo o rompimento daquilo que estava estabelecido

até então, deixando de lado o estilo classicista e utilizando-se da poesia para expressar um estilo desprendido da estética, com traços irrelevantes e provocativos ao burguês da época, como traz Moises:

“Por outros termos, corresponde a um momento em que as consciências se elevam para planos de universal indagação, para a verificação de uma angústia geral, fruto da crise que engolfa a Europa e o Mundo”. (MOISES, 1977, p. 294)

Nesse momento existe o questionamento do homem diante de sua própria existência, seu olhar diferente diante do mundo e de si mesmo, uma ausência de Deus ou de qualquer verdade absoluta, causando instabilidade:

“Nasce o desespero, a instabilidade total, porquanto os padrões estão em mudança ou devem ser mudados. Nessa atmosfera, a poesia substitui os mitos, transformando-se, ela própria, num mito”. (MOISES, 1977, p. 295)

Diante do cenário em que acontece o Modernismo em Portugal e como a figura de Fernando Pessoa se faz presente, seja na contribuição com a revista *Águia*, na fundação da revista *Orpheu* ou com toda a grandeza de sua obra, que o tornou conhecido no mundo inteiro, o fato é que falar de Fernando Pessoa é algo complexo e que dificilmente pode ser compreendido em sua totalidade:

“Fernando Pessoa é dos casos mais complexos e estranhos senão único dentro da literatura Portuguesa, tão fortemente perturbador que só o futuro virá a compreendê-lo e julgá-lo como merece”. (MOISES, 1977, p. 296)

Portanto, aqui pretendemos nos ater a um breve resumo de sua biografia, expondo traços característicos do poeta, bem como dos heterônimos por ele criados, nos aprofundando mais especificamente em Álvaro de Campos, como dito inicialmente.

FERNANDO PESSOA E SUAS MUITAS FACES ATRAVÉS DE SEUS HETERÔNIMOS

Nascido em 1888, na cidade de Lisboa, Fernando Pessoa se tornou órfão de pai ainda jovem, aos cinco anos de idade e se mudou com sua mãe e seu padrasto para a África do Sul, onde passou boa parte de sua infância e juventude, retornando à Lisboa em 1905 e se matriculando na Faculdade de Letras, cursado Filosofia por algum tempo.

Logo após o fechamento da revista *Orpheu*, da qual foi um dos fundadores, Pessoa passa a viver recluso e solitário, iniciando a produção de uma obra rica e densa, publicando uma pequena parte em algumas revistas como *Centauro*, *Athena*, *Contemporânea* e *Presença*.

Nesse momento começa a ter seu vício pela bebida acentuado, vindo a falecer de cirrose hepática em 1935. Porém durante seus anos de vida, ainda que muitas vezes aparentemente frustrada, foi responsável por um novo momento no contexto literário de Portugal, trazendo influências de clássicos de sua terra natal como Camões, Bocage, Antero, João de Deus, Cesário Verde, Camilo Pessanha, entre outros.

Utilizando uma linguagem nova, trazia consigo novos rumos dentro da poesia, buscando temas inspirados na crise vivida pela humanidade, como nos apresenta Moises (1977, p. 297) “Com suas sensíveis antenas, captou as várias ondas que traziam de

pontos dispersos a certeza de que a Humanidade vivia uma profunda crise de cultura e valores do espírito”.

Fernando Pessoa traz consigo muito mais do que a expressão de um poeta, pois se multiplica em seus muitos heterônimos, que ao contrário de pseudônimos, que são basicamente outros nomes utilizados na assinatura de uma obra; esses, por sua vez, são pessoas, com uma vida, com personalidade, sonhos, fraquezas e frustrações e dentre os quais se destacam três dos mais importantes: Alberto Caeiro, considerado mestre dos demais e com estilo simples de escrever, vivendo no campo, acreditando na simplicidade das coisas da vida; Ricardo Reis, tido como o “clássico” por seu estilo de escrever e tendo como temática um estilo voltado para o paganismo e temas da antiguidade e, por último, Álvaro de Campos que era poeta moderno, engenheiro naval, mas que trazia consigo toda uma revolta diante das coisas do mundo, das injustiças, com uma poesia inflamada e carregada de revolta, podendo ser entendida como o grito de uma alma aflita e inconformada com a vida:

“Álvaro de Campos é o poeta moderno, século XX, engenheiro de profissão, que do desespero extrai a própria razão de ser e não foge de sua condição de homem sujeito à máquina e à cegueira dos semelhantes, tudo transfundido numa revolta a um tempo atual e perene, própria dos espíritos inconformados”. (MOISES, 1977, p. 300)

Um homem complexo, uma personalidade apresentada em tantas faces, mas ao mesmo tempo nos enredando em um universo tão amplo e fascinante da poesia, fazendo com que nos deparemos com suas dúvidas, temores e revoltas. Esse estilo único que nos coloca diante de um homem que ao mesmo tempo refletia toda uma vida de fracassos e não realizações, sem sucesso amoroso ou profissional e, em contrapartida, um poeta denso, completo, único e praticamente impossível de ser explicado em palavras:

“Tudo, portanto, que se disser hoje como análise e julgamento de sua poesia, não passa duma tentativa provisória no sentido de compreender uma insólita personalidade literária e uma obra carregada e densa problemática”. (MOISES, 1977, p. 296)

ÁLVARO DE CAMPOS E SUA POESIA INFLAMADA

O heterônimo Álvaro de Campos nasceu em 15 de outubro de 1889 em Tavira, estudou na Escócia, se formando em engenharia naval em Glasgow. A primeira poesia assinada por ele é datada de 1914 e as últimas no ano de 1935, ou seja, pouco antes de sua morte, Fernando Pessoa ainda se utilizava da assinatura e do estilo desse heterônimo.

Durante umas férias fez uma visita ao Oriente Médio, onde se decepcionou e acabou escrevendo *Opiário*. Embora após essa viagem tenha retornado a Portugal e encontrado com Alberto Caeiro, sua poesia, em muito, se difere do mestre. Campos é o único dos heterônimos de Pessoa que teve várias fases em sua poesia, sendo a primeira chamada de Decadentista, trazia influências do Simbolismo, porém logo em seguida adere ao Futurismo, escrevendo poesias de exaltação ao mundo moderno e cheias de euforia. Sua terceira fase, conhecida como Abúlica acontece após uma série de desilusões amorosas, onde assume um estilo mais intimista e pessimista, se assemelhando às poesias escritas e assinadas pelo próprio Fernando Pessoa, o chamado ortônimo. Nessa fase sua temática reflete as dores diante da desilusão com o mundo em que vive, tristeza e cansaço.

Nessa última fase Campos sente-se vazio, incompreendido, frustrado, vislumbrando

toda a possibilidade de uma vida que poderia ter sido completa de realizações, mas que não foi. Em suma Álvaro de Campos é o poeta das sensações, que trata sua poesia como um grito expressando o que sente.

Se tratava do poeta da verdade dita sem pudores, jogada diante de uma sociedade sem se importar com o que iriam pensar, há quem diga que ele era o que mais trazia os traços de Fernando Pessoa, embora todos refletissem algum aspecto de sua personalidade, vendo o mundo de maneiras diferentes, Álvaro de Campos seria o mais parecido com seu criador:

“Mais ainda: se pudesse o falacioso problema da sinceridade, dir-se-ia que através de Álvaro de Campos o poeta se revelaria ‘sincero’ e despojado; Álvaro de Campos seria o ‘Fernando Pessoa’ de quem Fernando Pessoa seria heterônimo, como se, na verdade, tivéssemos um poeta, Álvaro de Campos, e um heterônimo, Fernando Pessoa”. (MOISES, 1977, p. 301)

Nesse sentido, vamos nos voltar para o estilo da linguagem usada por Álvaro de Campos, refletindo uma sociedade portuguesa que, assim como ele e Fernando Pessoa, poderia ter chegado ao apogeu, porém não obtiveram sucesso. O poeta refletia o meio em que estava inserido, sua visão daquele momento em Portugal, se isso acontece, como explica Candido:

“Devido a um e outro motivo, à medida que remontamos na história temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras; e é certo, como já sabemos, que forças sociais condicionantes guiam em grau maior ou menor”. (CANDIDO, 1985, p. 25)

Dessa maneira, o poeta se rebelava contra coisas que não aceitava, porém se via impotente, sem poder mudar a situação, restando a ele, apenas, sua expressão através de sua poesia refletindo aquilo que tanto o angustiava, conforme diz Candido (1985, p. 30) “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição”.

Para exemplificar o que foi dito até aqui e reforçar a ideia de poesia inflamada e histórica de Álvaro de Campos, trataremos da análise em forma de comparação de três de seus poemas: *Poema em linha reta*, *Lisbon revisited* (1923) e *Bem sei que tudo é natural*.

ANÁLISE DE CORPUS

Pensando primeiramente nas semelhanças existentes entre os três poemas, podemos perceber com clareza a crítica à sociedade, seja quando o eu lírico assume não se encaixar em uma sociedade onde todos se consideram deuses, ou então quando ele se depara com sua cidade natal, mas não a reconhece e, também, quando se revolta com o capitalismo existente na sociedade, onde tudo pode ser comprado, onde o dinheiro apaga qualquer coisa, por mais suja que tenha sido. Essas características semelhantes também se evidenciam no aspecto sonoro dos poemas, pois em todos eles percebemos repetições de determinadas palavras, que no contexto em que estão inseridas reforçam a ideia que o poeta pretendia passar diante de determinada situação, conforme trataremos mais adiante.

Nos voltando para uma análise de cada texto em particular, começando pelo *Poema em linha reta* percebemos já no título uma crítica com tom de ironia à sociedade e aqueles que tentam passar uma ideia de perfeitos, sem máculas, sem erros, sendo que na verdade a vida é feita por altos e baixos, dias bons e ruins, alegrias e tristezas, ou

seja, se fossemos imaginar um gráfico marcando a vida e seus acontecimentos o mesmo não poderia ser uma linha reta, seria na verdade marcado por oscilações, assim como nossa existência. Observando a linguagem usada pelo heterônimo Álvaro de Campos, percebemos sua ira, seu grito diante de uma sociedade onde ele não se enquadra por ser autêntico, onde sente-se diferente “*Eu verifico que não tenho parte nisto tudo*”. Ele ainda nos traz a imagem das pessoas que o cercam, presas em uma vida irreal, escondendo suas falhas, buscando aparentar perfeição, esquecendo-se de ser humano, como nos versos: “*Quem me dera ouvir de alguém a voz humana / Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia*”. Aqui o eu lírico reforça a ideia de que está cercado por hipocrisia, já que ninguém assume uma infâmia, um erro, uma desilusão que é o que o faz de fato humano, oscilante não mantendo uma linha reta em suas ações e sentimentos, que comete erros, peca, uma vez que o pecado faz parte da natureza humana.

Temos também uma quantidade enorme de palavras pejorativas usadas pelo poeta para se auto ofender, porém nos dando a impressão de que ele é ofendido dessa maneira pelos outros, pelo mundo social onde ele não se encaixa, como vemos em trechos como: “*Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?*”. Nesse verso, o eu lírico também se utiliza de uma maneira não convencional na organização da frase, reafirmando a ideia de que ele é diferente, que comete erros em um mundo onde todos são perfeitos, como acontece também em: “*Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas*”. Dessa maneira podemos compreender o poeta utilizando a emoção, pura, extravasando de maneira crítica em relação a sua posição diante do mundo onde as linhas retas são mantidas por seres imperfeitos, fingindo perfeição.

Passando para o segundo poema em questão, *Lisbon revisited* (1923) temos logo no início do poema, o eu lírico esbravejando, abdicando de tudo, gritando que não quer e não precisa de nada “*NÃO: Não quero nada. / Já disse que não quero nada*”. Nos deparamos com um homem cansado, que não sente mais ânimo diante da vida: “*Não me venham com conclusões! / A única conclusão é morrer*”. Ele rejeita a sociedade moderna e suas invenções, querendo manter-se afastado disso tudo: “*Tirem-me daqui a metafísica! / Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas / Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) - / Das ciências, das artes, da civilização moderna!*”. No decorrer do poema, a ideia de que ele não se encaixa na sociedade, onde querem que ele aceite uma vida de mentiras, fingindo felicidade assim como todos os outros e aceitando tudo que é ditado por essa sociedade: “*Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? / Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa? / Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade*”. O eu lírico também opta pelo isolamento, não quer ser tocado, não quer fazer parte do que está acontecendo a sua volta: “*Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.*” Além disso, o poema tem o nome de *Lisbon revisited* (1923), que traduzido do inglês significa “Lisboa revisitada”, nos mostra o olhar estrangeiro do poeta, que teve educação britânica e que viveu por anos fora de seu país de origem. Dessa maneira sabemos que embora a cidade seja conhecida pelo poeta, pois foi o local onde ele passou sua infância, percebemos que ele não reconhece o lugar onde cresceu, tudo parece a mesma coisa, porém diferente: “*Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje! / Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.*” Essa contradição é mais uma das formas do poeta se mostrar crítico à sociedade, tendo seus conflitos interiores. Ao final a ideia do início é reforçada, ou seja, ele deseja que o deixem em paz, pois ele não quer nada, não há lugar para ele no mundo, o que lhe resta é esperar a morte, solitário: “*Deixem-me em*

100

R
E
V
I
S
T
A

paz! Não tardo, que eu nunca tardo... / E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!”.

Voltando nossa atenção para o último poema escolhido, *Bem sei que tudo é natural*, logo no início do poema, o eu lírico já deixa clara sua postura diante da vida, não se conformando com a maneira como as coisas acontecem: “*Bem sei que tudo é natural / Mas ainda tenho coração...*”. Ele continua sua crítica à sociedade nos versos seguintes, expressando sua indignação diante da humanidade que pode ser corrompida com dinheiro, onde tudo tem seu preço, nada tem mais valor do que o bem material: “*Bebê igual a X, / Gozam o X neste momento, / Comem e bebem o bebê morto.*” Ainda deixa claro que o importante é ter riqueza, não importando o meio para que isso aconteça: “*Como tudo esquece quando há dinheiro*”. Não há o que ser feito em relação a morte, porém deve-se aproveitar o dinheiro, usufruir do capitalismo, deixando de lado os sentimentos, as coisas simples da vida, como se a felicidade fosse comprável: “*Sim, era amado. / Sim, era querido / Mas morreu. / Paciência, morreu!*”. Embora o que aconteceu tenha sido triste, o resultado, o valor recebido pela vida que foi perdida é suficiente para aliviar qualquer dor: “*(É claro que aquele pobre corpinho / Ficou triturado) / Mas agora, ao menos, não se deve na mercearia. / (É pena sim, mas há sempre um alívio.)*”

Considerando os aspectos sonoros trazidos pelos três poemas, podemos perceber que existem semelhanças entre eles, porém cada um tem uma finalidade específica. Sendo assim, no que diz respeito às semelhanças, temos o uso uma linguagem mais cotidiana, diferente daquela utilizada por Ricardo Reis, por exemplo, que aparece como uma declaração de sua insatisfação diante do mundo. Sua fala feita através de versos livres, sem regularidade métrica ou rimas nos traz a ideia de uma fala, um proferir não comedido, raivoso de alguém que fala espontaneamente aquilo que sente e com o qual não se conforma.

Iniciando com o *Poema em linha reta*, temos como exemplo a frase “*nunca conheci quem tivesse levado porrada*” onde a sonoridade forte, marcada pela ideia de um golpe violento que foi dado, como o próprio significado desse substantivo “porrada”, nos deixando subtendida a ideia de que o eu lírico tem sido atacado, tem sofrido agressões dessa sociedade onde ninguém assume seus fracassos, apenas exaltam suas qualidades. A palavra escolhida se difere em muito da palavra “soco”, por exemplo, que não tem o mesmo som de agressividade quando pronunciada, ou seja, sua escolha não é aleatória, nos fazendo refletir sobre o sofrimento do eu lírico que tem sido submetido a uma sociedade que o violenta diariamente. Aqui também se fazem presentes repetições, que reiteram esse discurso inflamado e sem nenhuma conformidade diante dos fatos, a exemplo a palavra “eu” que inicia vários versos na segunda estrofe do poema: “*Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel, / Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes, / Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar, / Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado / Para fora da possibilidade do soco; / Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas, / Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.*” O som desse monossílabo nos causa a impressão de uma batida constante, reforçando mais uma vez a ideia de violência a qual tem sido submetido o eu lírico. Mais ao final do poema, em sua última estrofe outra repetição chama atenção, a da palavra “vil”, que se refere novamente a posição que ele ocupa diante do mundo: “*Eu, que venho sido vil, literalmente vil, / Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.*” Outro ponto importante presente no *Poema em linha reta* são as frases que mais soam como suspiros diante de sua inconformismo e incapacidade de mudar tudo aquilo que não lhe parece certo: “*Arre, estou farto de*

semideuses! / Onde é que há gente no mundo? / Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?”

Continuando com a importância que o aspecto sonoro exerce na produção de sentido do poema, observando agora *Lisbon revisited (1923)*, temos inicialmente a repetição do “não” em frases curtas e terminadas com ponto final ou ponto de exclamação, novamente marcando a ideia de oralidade existente, de discurso falado, de maneira livre e fluído em frases curtas, diretas e ditas de maneira natural, como se fossem de fato ditas por alguém que está com raiva, que não mede o que vai dizer e não se prende a grandes explicações ou reflexões, apenas deixando sair de sua boca aquilo que pensa: “*NÃO: Não quero nada. / Já disse que não quero nada. / Não me venham com conclusões! / Não me tragam estéticas! / Não me falem em moral! / Não me apregoem sistemas completos, não me enfiem conquistas*”. O mesmo acontece em seguida com a palavra “ciência”: *Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) - / Das ciências, das artes, da civilização moderna!*”. Na décima e última estrofes, percebemos a voz do eu lírico como se falasse diretamente com outra pessoa, em tom de discussão e sem medir palavras, novamente com repetições como “sozinho” e “não” e a mesma marcação nas pontuações usadas nos finais de cada verso: “*Não me peguem pelo braço! / Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho. / Já disse que sou sozinho! / Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo... / E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!*”.

No último poema trazido, *Bem sei que tudo é natural*, logo no início temos a saudação do eu lírico que contrasta uma expressão formal com a palavra “merda”: *Boa noite e merda! / (Merda para a humanidade inteira!)*”. Dessa maneira, nota-se a mesma sonoridade trazida pelo vocábulo “porrada”, que foi escolhida intencionalmente para causar estranheza quando pronunciada, uma vez que traz som forte e marcante. Esteticamente podemos observar novamente ritmo regular, como o da fala, presente em todo o poema, com versos construídos de maneira mais curta, pontuação excessiva, como se fosse uma reflexão do eu lírico consigo mesmo, pasmo diante do que aconteceu, de como as coisas foram resolvidas e, embora, não possa se conformar com o que vê, ainda assim se sente sem forças para bradar seu discurso sobre o filho morto, aparecendo mais comedido diante de uma situação que em si só o deixa menos eloquente para protestar, justificando para si mesmo a situação: “*Com isso se forrou a papel uma casa. / Com isso se pagou a última prestação da mobília. / Coitadito do bebê. / Mas, se não tivesse sido morto por atropelamento, que seria das contas? / Sim, era amado. / Sim, era querido / Mas morreu. / Paciência, morreu! / Que pena, morreu!*”. Há também repetições marcantes e o uso de parênteses, para passar a ideia de uma situação que precisa ser camuflada e mantida de fato entre parênteses, ou seja, a vida do bebê teve seu preço. Nessa parte, presente na sexta estrofe, ele novamente justifica o que aconteceu, mas lembrando a realidade a todo momento, a indenização paga pela morte: “*Mas deixou o com que pagar contas / E isso é qualquer coisa. / (É claro que foi uma desgraça) / Mas agora pagam-se as contas. / (É claro que aquele pobre corpinho / Ficou triturado) / Mas agora, ao menos, não se deve na mercearia. / (É pena sim, mas há sempre um alívio.)*”.

Na última estrofe do poema, a repetição da expressão “dez contos” entre uma lamentação e outra pela morte do bebê reforça a ideia de que tudo pode ser comprado, que no final de tudo o dinheiro é o que importa de fato, é o que vale mais do qualquer outra coisa, porém isso precisa ficar escondido nas entrelinhas, não podendo ser dito claramente, mantendo-se também entre parênteses:

Bem se sabe é triste
(Dez contos)
Uma criancinha nossa atropelada
(Dez contos)
Mas a visão da casa remodelada
(Dez contos)
De um lar reconstituído
(Dez contos)
Faz esquecer muitas coisas (como o choramos!)
Dez contos!
Parece que foi por Deus que os recebeu
(Esses dez contos).
Pobre bebé trucidado!
Dez contos.

Os três poemas exemplificam aquilo que pretendemos mostrar aqui, a poesia de Álvaro de Campos, como um grito de protesto diante da sociedade em que ele estava inserido, mas sentindo-se excluído, não fazendo parte de um mundo de hipocrisias, onde o dinheiro compra tudo e a todos, um lugar onde ele não se encaixa mais, mesmo sendo sua terra natal, conforme a biografia para ele criada. A maneira utilizada para trazer esse discurso cheio de ira e inconformidade se faz por meio de versos livres, não se prendendo em rimas, transcorrendo de maneira mais natural como a própria oralidade, porém utilizando-se de palavras com sons cheios de força e significado, esbravejando contra o mundo, gritando aquilo que não se pode calar, ou seja, uma poesia cheia de crítica e significado.

103

Essa poesia crítica, protestando contra aquilo que não concorda nos remete ao que Candido (1999) trata ao abordar a questão da literatura que representa o homem e o sensibiliza: *“Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”*.

Isso porque a obra e o poeta refletem o meio social em que essa produção aconteceu e isso é evidenciado na medida em que Álvaro de Campos se opõe ao sistema, se revelando e se contrapondo a tudo o que considera inaceitável e isso de maneira tão intensa e marcante, como um grito de angústia pelas coisas que não podem ser mudadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi proposta a análise do estilo de Álvaro de Campos, sob a perspectiva da crítica à sociedade portuguesa do início do século XX, utilizando uma linguagem mais solta, versos livres, nos remetendo à ideia de um falar cotidiano, porém exaltado e inconformado com essa realidade em que se encontrava.

Para que essa explanação fosse possível, foram escolhidos três poemas, que, embora tenham semelhanças entre si, possuem objetivos distintos, cada um fazendo uma

R
E
V
I
S
T
A

crítica específica, seja esbravejando com fúria sobre algo que não lhe é tido como correto, seja quase emudecido diante dos absurdos que podem ser cometidos pelo ser humano.

Para que a posição de Fernando Pessoa, utilizando-se desse heterônimo em particular, pudesse ser compreendida, foram trazidos desde o contexto histórico do Modernismo em Portugal até um breve resumo da sua vida e da obra, afim de que pudessemos esclarecer o estilo adotado por Álvaro de Campos, fazendo uma abordagem que em nada se compara ao modo clássico de escrever.

Ao início do trabalho, foram apresentadas duas questões fundamentais: “como Fernando Pessoa se utiliza do heterônimo Álvaro de Campos para protestar contra a sociedade portuguesa? E como essa poesia se apresenta de maneira inflamada, raivosa e inconformada?”, as quais pretendíamos responder ao longo do texto. Compreendendo o trabalho, e nos atendo mais especificamente na parte da análise de corpus, percebemos que ambas foram respondidas, uma vez que tratamos da poesia utilizada como forma de protesto e da sonoridade existente com o objetivo de trazer essa imagem de, discussão vigorosa, inconformismo diante dessa sociedade.

Sendo assim, tratamos da abordagem de apenas um dos três famosos heterônimos de Fernando Pessoa, não explorando aspectos linguísticos ou sonoros existentes nos outros dois: Alberto Caeiro e Ricardo Reis, que pudessem nos remeter a mesma ideia de protesto existente na obra de Álvaro de Campos.

Outro ponto importante a ser tratado quando nos propomos à realização de um trabalho voltado para Álvaro de Campos, é a percepção da relação existente entre literatura e sociedade, uma vez que o contexto em que o poeta vive influencia diretamente seu estilo poético que pode se tornar tanto um canto de louvor pelas coisas belas vividas, como um incômodo sentido por ele e manifestado em palavras, ou seja, o que é sentido no ambiente em que se encontra é traduzido através da arte, nesse caso da literatura, como bem apresenta Candido:

“[...]a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”. (CANDIDO, 1985, p. 20-21)

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.

<http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=80089>. Acesso em 20/05/2013 às 21:45

REMATE DE MALES. Departamento de Teoria Literária IEL / UNICAMP, Número Especial Antônio Candido. Campinas, 1999.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.